

## PRÁTICAS DE ESCRITA E REVISÃO NA ESFERA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Risoleide Rosa Freire de Oliveira  
risoleiderosa@gmail.com

### Introdução

Diante do problema já conhecido de que grande parte dos alunos, ao terminar o ensino básico e ingressar no nível superior, chega às universidades com algumas dificuldades em relação à produção textual (DELLAGNELO, 1998, BRITO, 2001, CUNHA, 2010, OLIVEIRA, 2008, 2011, 2011a), e considerando-se que essa problemática pode ser amenizada com práticas de escrita e revisão de textos, este artigo traz algumas considerações a respeito de inovações metodológicas por parte dos professores que podem propiciar um ambiente em que os alunos se tornem mais autônomos e responsáveis pelos seus textos. Ou seja, como seres ativos que estão produzindo sentidos a partir de atividades de leitura e escrita, nas quais a revisão textual tem um papel determinante.

Atividades de reescrita e revisão no contexto escolar contribuem sobremaneira para o processo de ensino-aprendizagem de produção textual, especialmente quando o professor assume o papel de revisor crítico do texto de seus alunos. Isso porque, se escrever é um ato complexo, revisar também não se constitui em uma atividade simples. Na verdade, exige do professor um olhar especial, compreensivo, que faça com que os alunos tenham gosto pelo ato de escrever. No entanto, a “redação”, ainda continua sendo vista no contexto escolar como um objeto apenas utilizado para a obtenção de uma nota determinada pelo professor, apesar das orientações de Geraldi (2011), na primeira metade da década de 1980, acerca da produção de texto na escola. Para Britto (2001, p. 120), a concepção de escrita ainda presente na escola pode ser uma das causas para o fracasso do ensino, uma vez que “O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados [...] Consciente disso, o estudante procurará escrever a partir do que acredita que o professor gostará (e conseqüentemente, dará uma boa nota)”.

Estudos focalizando o nível superior, como os Marquesi e Cabral (2008), também apontam que apesar de os alunos universitários passarem por exames que incluem prova de redação, e que sejam considerados como bons redatores, ainda enfrentam dificuldades na produção de textos acadêmicos. De acordo com Cabral (2004, p. 276), isso pode ocorrer devido à forma como os professores trabalham o conteúdo, sem apresentar motivações para as produções, ou seja: “A escrita acadêmica, aquela que é realizada no âmbito do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, em contexto escolar, obedece a finalidades distintas das finalidades subjacentes aos escritos produzidos no cotidiano”.

Na realidade, apesar de os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000) e os PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 2008) sugerirem a revisão como um ponto importante no processo de ensino-aprendizagem, essa atividade não é praticada nas escolas:

[...] a revisão do texto assume um papel fundamental na prática de produção. É preciso ser sistematicamente ensinada, de modo que, cada vez mais, assuma sua real função: monitorar todo o processo de produção textual desde o planejamento, de tal maneira que o escritor possa coordenar eficientemente os papéis de produtor, leitor e avaliador do seu próprio texto (BRASIL, 2000, p. 73-74).

Em se tratando de textos produzidos pelo próprio aluno, essas atividades podem envolver a reelaboração (revisão/reescrita) de texto com o objetivo de torná-lo (mais) adequado ao quadro previsto para seu funcionamento (BRASIL, 2008, p. 38).

O processo de revisão textual, apesar de ser pouco praticado na sala de aula, ou fora dela, é de grande importância para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem em diferentes esferas educacionais, no que diz respeito às atividades de produção de textos. Por meio dessa prática, os alunos podem desenvolver senso crítico, autonomia e se posicionarem como autores. Conforme afirmam Pasquier e Dolz (1996, p. 7), “a revisão constitui um dos momentos fortes da aprendizagem da produção de um texto”.

Na esfera acadêmico-científica, mesmo nos anos iniciais de graduação, a revisão textual poderia ser mais utilizada, pois essa prática leva os alunos a reverem não apenas os problemas de ordem estritamente gramatical e formal, como também os de ordem discursiva, como, por exemplo, seus posicionamentos acerca do que está sendo escrito, seja em uma resenha, seja em um ensaio, para citar gêneros próprios dessa esfera. Esse investimento de práticas de escrita e revisão torna-se relevante mais especificamente nos gêneros acadêmicos porque, como exalta Bazerman (2006, p. 12-13), “Cada vez que estudantes escrevem um ensaio. [...] Cada vez que uma pessoa escreve para realizar um trabalho profissional [...] a escrita nos ajuda a tornar real e forte nossa presença num mundo social em que asseveramos nossas necessidades e nosso valor”.

Essas práticas de linguagem se fazem necessárias, porque, como afirma Bakhtin (2003, p. 284), mesmo muitas pessoas que têm o domínio da língua, em algumas situações sociodiscursivas, sentem-se inseguras “precisamente porque não dominam na prática as formas de gênero de dadas esferas”.

É justamente por isso que os alunos precisam, primeiro, ler resenhas, resumos, artigos, para que possam se familiarizar e dominar o repertório dos gêneros acadêmicos, para depois escrever e revisar seu texto, sendo a revisão entendida como uma prática dialógica, por meio da qual o leitor, mesmo que do próprio texto, adote uma postura exotópica, um excedente de visão, o que significa um olhar distanciado e crítico do seu texto, a fim de poder enxergar as lacunas deixadas.

Por entendermos que há necessidade de uma concepção mais ampla de linguagem para respaldar as atividades de revisão e reescrita aqui propostas, apresentamos a seguir as ideias desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin e por Vygotsky, procurando transpô-las para subsidiar a prática de revisão de textos, pois consideramos que os construtos teóricos desses autores são bastante pertinentes uma vez que eles levam em conta as situações concretas da interação humana.

## **1. Produção e revisão de textos na perspectiva dialógica**

O conhecido problema de escrita de alunos oriundos do ensino básico persiste em alguns alunos que chegam ao sétimo período, quando precisam produzir o projeto de pesquisa, e ao oitavo, quando devem escrever a monografia para terminar a graduação. Considerando essa lacuna e a minha experiência nas disciplinas Seminário de Monografia I e II (OLIVEIRA, 2008)<sup>1</sup> nas quais os alunos produzem os gêneros projeto e monografia, que requerem certo amadurecimento e conhecimento nas atividades de leitura e escrita, desenvolvemos esta pesquisa, que conta com a participação dos professores das disciplinas Metodologia do Trabalho Científico e Produção Textual, por serem disciplinas ministradas no primeiro período universitário, porta de entrada para os alunos, que se deparam com um ambiente novo, o qual requer deles mais autonomia e responsabilidade. O estudo se concentra

---

<sup>1</sup> *O processo de escritura do texto acadêmico: dos aspectos discursivos aos estruturais*, pesquisa desenvolvida pela autora em 2007-2008, junto a professores e alunos do sétimo período do curso de Letras da UERN, campus de Açu.

no curso de Letras do Campus de Açú, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, instituição em que trabalhamos desde 2006 e na qual desenvolvemos pesquisas direcionadas para essa problemática (OLIVEIRA, 2008, 2011, 2011a), além da orientação de monografia (CUNHA, 2010). Por meio dessas pesquisas, nas quais introduzimos práticas de reescrita e revisão coletiva de partes dos projetos de monografias em sala de aula, constatamos que essa metodologia era bem aceita pelos alunos e isso podia ser visto em seus textos. Daí, propomos que essa experiência seja novamente feita nos anos iniciais, a fim de atenuar os problemas de escrita que continuam entre os alunos.

Nesse sentido, a participação de professores das disciplinas Metodologia do Trabalho Científico e Produção Textual do primeiro período é muito importante, uma vez que, no processo de formação do aluno como leitor e autor, o professor é o principal mediador e leitor do texto do aluno ou de outrem, sendo, como diz Oliveira (2010), a interação entre eles fundamental para uma melhor compreensão do que o aluno lê ou escreve.

Conforme apontado, a revisão, apesar de ser pouco apresentada ou praticada na sala de aula, é essencial para o desenvolvimento dos alunos no que diz respeito à produção de textos. Sendo o professor o principal mediador no momento da escrita e reescrita de um texto, cabe a ele, conforme propõe Antunes (2003, p. 115-116), instruir o aluno a “vivenciar a experiência de: primeiro planejar, depois escrever [...]; e, em seguida, revisar e reformular seu texto conforme cada passo, para deixá-lo na versão definitiva”.

Considerando isso, buscamos dialogar com alunos e professores atuantes no nível superior, com o objetivo de lhes oferecer sugestões em relação à revisão e reescrita, o que implica também a construção de sentidos e de ressignificações quanto à produção, à circulação e à recepção de gêneros discursivos.

De acordo com Bakhtin/Volochinov (1990, p. 123), a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua, o que implica o diálogo, em sentido amplo, nas atividades desenvolvidas nas diferentes esferas da vida humana, seja por meio de discurso oral, seja por meio de discurso escrito, uma vez que este também “é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc.” Com isso, o Círculo desfaz a dicotomia entre a fala e a escrita, mostrando-se que os gêneros escritos são tão dialógicos quanto os orais, uma vez que a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos que emanam dos interlocutores de uma ou outra atividade humana.

Com base nessa tese, os autores propõem a análise da linguagem na interação, dando a ela um caráter inerentemente social, o que possibilita concebê-la primordialmente como atividade, como processo, e não apenas como sistema, como produto. Nessa perspectiva discursiva, os sujeitos em interação agem com e sobre a linguagem, num contínuo processo de encontro/confronto de vozes e posições axiológicas, o que implica o diálogo, em sentido amplo, travado nas atividades desenvolvidas nas diferentes esferas da vida humana, devendo-se considerar, para tanto, a situação concreta em que os enunciados são produzidos, ou seja, as condições de produção, circulação e recepção e não apenas o sistema abstrato das formas da língua nem o psiquismo individual do autor. Isso porque todo dizer carrega valor, refratando sempre o posicionamento axiológico daquele que utiliza a língua em determinada situação interativa, daí a proposta de Bakhtin/Volochinov (1990) de se analisar, primeiramente, a interação relacionada com suas condições concretas de realização, em seguida as distintas enunciações em relação às peculiaridades de cada interação verbal, para, então, se examinar a língua na sua interpretação usual.

Nesse percurso metodológico de análise, é dado à linguagem e às formas da língua um caráter inerentemente social, relacionando-as com as condições concretas de realização. Com

isso, os recursos lexicais, morfológicos e sintáticos da língua como sistema, utilizados para mostrar a posição valorativa do autor, só assumem determinado juízo de valor se produzido em uma situação discursiva concreta, pois “As palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes” (BAKHTIN, 2003, p. 290).

Para Bakhtin/Volochinov (1990), a estrutura é o ponto de chegada e não o ponto de partida da análise linguística, o que é reforçado por Bakhtin (2003) quando diz que o texto é constituído por dois polos: o do sistema da língua, da ordem do repetível, reproduzível e convencional, e o do enunciado, do acontecimento, da ordem do irrepitível, irreproduzível e único, sendo o texto considerado, no primeiro polo, como elemento apenas linguístico, da ordem do material, do dado, no qual ocorre a relação intersignica, enquanto que, no segundo polo, o do texto como enunciado, da ordem do singular, do criado, do contexto genuíno, se dá a relação entre pelo menos duas vozes, dois pontos de vista, duas consciências.

Assim, na perspectiva bakhtiniana, o enunciado é a unidade de comunicação discursiva cujas peculiaridades constitutivas são: a alternância dos sujeitos do discurso, que compõe o contexto do enunciado; o acabamento do enunciado, condiciona uma atitude responsiva ativa nos outros parceiros da comunicação; a relação do enunciado com o próprio autor e com outros autores, sendo o autor quem se responsabiliza por imprimir um estilo (determinado pela escolha nunca neutra dos recursos linguísticos), por abordar um conteúdo temático, por dar uma construção composicional ao enunciado; a orientação para o destinatário, a qual é determinada pela área da atividade humana e da vida cotidiana a que se reporta um dado enunciado.

Nessa relação de alteridade, a imagem que o autor tem dos seus destinatários interfere na sua maneira de dizer, nas suas escolhas lexicais, o que não o isenta de responsabilizar-se pelas significações sociais possíveis e os enunciados que profere. Ou seja, o autor é quem se responsabiliza pelo texto, sendo seu propósito comunicativo ou “vontade discursiva” realizada “antes de tudo na *escolha de um certo gênero do discurso*” (BAKHTIN, 2003, p. 282-301, grifos do autor).

Outro estudioso que reforça essa relação com o outro é Vygotsky (1984), para quem a interação dialética entre o ser humano e o meio sociocultural ocorre desde o seu nascimento, mas não de forma direta, uma vez que é mediada por sistemas simbólicos que representam a realidade, sendo a linguagem o principal sistema. Pelo uso de signos, particularmente da escrita, cuja materialidade linguística é concretizada nas dimensões temporal e espacial devido à sua natureza gráfica, o sujeito comunica ideias, regula comportamentos, age sobre o mundo e outros indivíduos.

Essas reflexões vygotskianas acerca do funcionamento mental e do conhecimento originados no social e acerca da mediação do outro e da linguagem no processo de desenvolvimento intelectual humano são fundamentais para a compreensão do objeto de estudo desta pesquisa, uma vez que remetem à interação entre o indivíduo com outros em um determinado meio sociocultural. Interação que leva à reorganização, redimensionamento, desenvolvimento e transformação de ideias que não sejam formuladas de modo mecânico – uma ideia leva à ideia seguinte –, mas construídas a partir e para o outro, que tem posições, visões de mundo, questionamentos.

## **2. Percursos metodológicos**

Nesta investigação sobre o processo de escritura na esfera acadêmico-científica, pretendemos utilizar técnicas como a observação livre, conversas informais com alunos e

professores, além da análise de textos. Esperamos que os dados daí constituídos possam apresentar uma amostra a respeito de suas dificuldades e facilidades tanto no ato de escrever e ensinar quanto na relação aluno-professor, partindo da compreensão de que a “experiência que os sujeitos têm, as representações que formam e os conceitos que elaboram [...] ocupam o centro de referência das análises e interpretações, na pesquisa qualitativa” (CHIZZOTTI, 1995, p. 85).

Para tanto, consideramos, conforme exposto no item anterior, os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin e os de Vygotsky, que constroem suas ideias com base em processos sociais, históricos e culturais pelos quais passa o homem, além da noção de agência daí advinda (BAZERMAN, 2006).

Para desenvolvermos a investigação e a análise dos dados nessa perspectiva dialógica, tomamos como base metodológica a perspectiva da pesquisa de natureza qualitativa e interpretativa, uma vez que esta possibilita que os múltiplos significados advindos dos dados, constituídos em situações concretas, sejam passíveis de interpretação, o que só é possível porque a investigação é realizada por “pessoas em ação em uma determinada prática social sobre esta mesma prática, em que os resultados são continuamente incorporados ao processo de pesquisa” (MOITA LOPES, 1996, p. 185).

O universo da pesquisa constitui-se de um grupo de 20 alunos de graduação em suas aulas iniciais no curso de Letras, da UERN, Campus Açu, que estão se deparando com disciplinas como Metodologia do Trabalho Científico, novidade para eles, e Produção Textual, agora na esfera acadêmico-científica, e os dois professores dessas disciplinas. Em princípio, conversamos com alunos e professores sobre as práticas de revisão e reescritura e a interação das disciplinas nesse processo, a fim de constatar se eles estariam abertos e dispostos a participar da pesquisa.

Assim, na primeira fase da pesquisa, utilizamos técnicas como a “observação livre” e “conversas informais” com alunos e professores (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 161), com o objetivo de conseguir, nesses contatos iniciais, a adesão deles para o estudo assim como conhecer as concepções teórico-metodológicas que permeiam seus saberes e fazeres.

Em seguida, em outra etapa, caso se faça necessário, ofereceremos oficinas de práticas de reescrita e revisão de texto para analisar os textos em construção, para, só então, categorizar os achados da pesquisa, seguindo, dessa forma, o paradigma das investigações qualitativas, em que as categorias só são “[...] definidas no decorrer do processo de investigação” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 147).

Consideramos que esses aspectos são fundamentais no processo de investigação qualitativa porque, conforme afirma Freitas (2003, p. 26), “ao assumir o caráter histórico-cultural do objeto de estudo e do próprio conhecimento como uma construção que se realiza entre sujeitos, essa abordagem consegue opor aos limites estreitos da objetividade uma visão humana”, estabelecendo, assim, uma inter-relação entre o mundo vivenciado por eles no dia a dia acadêmico e as concepções teóricas cristalizadas sobre escritura de textos no nível superior, conforme poderemos observar a seguir, por meio de uma experiência vivenciada na esfera universitária.

### **3. Uma experiência bem-sucedida**

A fim de subsidiar os professores de Metodologia do Trabalho Científico e de Produção Textual, e ilustrar como poderiam se dar as práticas de revisão em âmbito acadêmico, recorreremos à pesquisa de Cunha (2010), que mostra a visão de uma professora

universitária, denominada Maria, e a de seus alunos de graduação sobre a atividade de revisão na disciplina Produção Textual, por meio de depoimentos. Ao investigar acerca das dificuldades apresentadas na (re)escrita e a importância da revisão dos textos, a pesquisadora pergunta aos alunos qual(is) seria(m) o(s) gênero(s) discursivo(s) que eles têm mais dificuldades de produzir e como veem as revisões da professora; a esta, a pesquisadora pergunta quais os gêneros mais trabalhados por ela com os seus alunos e em quais eles apresentam mais dificuldades.

A professora Maria citou resumo, resenha e artigo de opinião como os gêneros acadêmicos trabalhados com a turma e disse que considera o artigo de opinião o gênero que os alunos apresentam mais dificuldades. Para a professora, o motivo disso seria o fato de possuir pouca prática de produção textual do gênero, bem como o conhecimento das suas características.

Em sua maioria, os alunos disseram ter dificuldades em produzir resumos, relatórios, resenhas, além do artigo de opinião. Eles destacaram a falta de conhecimento sobre a estrutura e o desenvolvimento dos textos como maior empecilho em suas produções. É possível observar que lhes faltam práticas de leitura e escrita, não só do texto a ser resumido, relatado, resenhado, como também de outros textos que tratem do assunto e que possam contribuir para a discussão do tema proposto. Esse mesmo problema é encontrado nas respostas dos alunos que disseram ter dificuldades, também, em produzir um artigo de opinião.

Eles justificam que essas dificuldades podem ocorrer pela falta de prática de reescrita desse gênero, pois quando um texto é produzido e apenas lhe é atribuída uma nota não há mais preocupação com o assunto, mas quando o texto retorna ao aluno surgem novas ideias e, conseqüentemente, novas possibilidades de escrita.

Ao tratarem mais especificamente da revisão dos professores, sua relevância na escritura de seus textos, todos os alunos questionados a consideraram de grande importância. No entanto, é possível verificar em suas respostas que as noções de “correção” e de “erro” ainda se fazem presentes, apesar de os alunos entenderem o verdadeiro sentido e importância da revisão, na perspectiva dialógica, qual seja, orientá-los para reescrever seu texto, fazendo os ajustes discursivos e composicionais necessários.

Na verdade, a prática de revisão do próprio texto, ou de outro colega, é fundamental na busca de autonomia do aluno, além, é claro, da mediação do professor no processo de escrita e revisão.

Essa também é a visão da professora Maria, que, ao ser questionada por Cunha (2010) sobre a importância da revisão no processo de escrita de seus alunos, respondeu que “a revisão é importante porque no texto inicial, o autor preocupa-se com o fluir das ideias. E, assim, as coloca no papel. E depois dessa etapa, ele vai reler e rever questões que devem ou podem ser melhoradas”.

Essa concepção da professora de revisão como atividade recursiva, com o objetivo de alcançar bons resultados no processo de escrita, confirma os posicionamentos dos alunos que reconhecem o valor da revisão da professora e procuram aproveitá-la para melhorar suas produções textuais.

Quando indagada se os seus alunos levam em conta as suas sugestões para a produção da segunda versão do texto e que aspectos eles mais consideram, a professora Maria responde que os alunos consideram, sim, suas orientações. Ela justifica isso ao dizer que destacou muito as questões discursivas e pôde “perceber que eles a priorizaram”.

As respostas desses alunos mais uma vez confirmam os estudos de Marquesi e Cabral (2008) e Cabral (2004), segundo os quais os alunos do ensino superior sentem-se mais intimidados em produzir textos acadêmicos.

Os achados da pesquisa de Cunha (2010) também reafirmam, pelos depoimentos da professora e dos alunos, a relevância da prática de revisão para aprimorar suas produções textuais discentes, confirmando o que diz Oliveira (2008) sobre a importância de o professor incentivar o aluno, estimulando sua autoria e autonomia nas atividades de (re)escrita, assim como o diálogo entre as demais vozes utilizadas no texto. Em uma perspectiva dialógica, a professora procura revisar o texto de seus alunos, instigando-os a refletirem sobre seus dizeres. Os alunos, por sua vez, em sua grande maioria, levam em conta as suas sugestões, reconhecendo a necessidade de novas escrituras e rascunhos, para rever os aspectos discursivos, além dos estruturais.

Esse estudo apresentado nos subsidia a continuar a pesquisa, estimulando os docentes de Metodologia do Trabalho Científico e de Produção Textual a trabalhar concretamente com os alunos de acordo com os aspectos teórico-metodológicos aqui apresentados, pois eles são fundamentais na formação dos futuros professores e pesquisadores.

## **Conclusão**

Esperamos, com a divulgação deste projeto de pesquisa em desenvolvimento na UERN, contribuir para o processo de escrita, especialmente daqueles alunos que ingressam no nível superior com dificuldades de ordem linguística e discursiva para produzir seus textos. Isso, conforme apresentado, pode ser promovido pela interação das atividades que envolvem a produção, a circulação e a recepção de diferentes gêneros discursivos na esfera acadêmico-científica, mais especificamente a atividade de revisão. Acreditamos que as reflexões e propostas teórico-metodológicas aqui apresentadas podem contribuir concretamente para uma prática docente que considere as atividades de revisão no processo de ensino-aprendizagem de produção textual, mais especificamente com a prática de gêneros que estejam relacionados com a vida profissional dos alunos. Essa postura, especialmente na educação inicial de professores de língua, pode preencher a lacuna deixada pelo ensino escolarizado no que se refere ao trabalho com os gêneros escritos, assim como reafirmar a relevância da revisão como uma atividade fundamental no desenvolvimento da produção de textos dos alunos.

Essa mediação do professor é indispensável, mas só adquire significação se conduz o aluno à reescrita com o objetivo de buscar uma escrita que considere as relações de sentido no texto, além dos aspectos estruturais, auxiliando assim seus alunos a obterem avanços significativos na superação das dificuldades em relação à produção textual, passando os discentes a desenvolverem a autonomia necessária para isso e a se assumirem como autores. Para tanto, a prática docente necessariamente deveria pressupor um trabalho de interação e interlocução constante com seus alunos no processo de produção textual.

Considerando o exposto, a revisão torna-se uma prática dialógica, uma vez que o professor, ao assumir o papel de leitor crítico e comprometido com as produções escritas dos alunos, realiza suas intervenções com um objetivo bem claro: estimular a autonomia do aluno por meio da reescrita e revisão textual. Entende-se, assim, que a mediação do professor é um dos fatores indispensáveis para que os alunos obtenham sucesso no domínio das peculiaridades dos diversos gêneros que circulam na esfera acadêmica. Ou seja, é fundamental que o docente acentue ao aluno sua responsabilidade por aquilo que é escrito, pelo modo como é escrito, através de que ponto(s) de vista, ou seja, por gerenciar tanto as vozes dos outros quanto as suas. Salientar também que, apesar de estar submetido às coerções linguísticas próprias do âmbito acadêmico-científico e de o texto ser permeado por outras vozes, o autor é o principal responsável pelos ditos.

Entretanto, isso só é possível se trabalharmos em uma perspectiva discursiva, compreendendo que os atos de ler e escrever são processos sócio-históricos de construção de conhecimento, sendo mediados por atividades de linguagem, em especial por práticas de escrita e revisão. Assim entendido, os alunos não precisariam se preocupar somente com os aspectos notacionais e estruturais do texto como também com os discursivos, no processo de produção textual. Esses aspectos discursivos consistem no gerenciamento das vozes, dos pontos de vista defendidos por outros autores, o que faz com que se instaurem as relações de sentido, as relações dialógicas. Desse modo, os professores podem demonstrar aos alunos que as atividades de produção de texto podem ser vistas sob outra dimensão, que a língua não é a representação do pensamento ou instrumento de comunicação, mas a manifestação de práticas discursivas e intersubjetivas que vão além das relações lógicas que se estabelecem no limite da palavra ou oração isolada, pois se constituem de relações dialógicas, com vozes concordantes, ou não, resultantes das interações realizadas.

## Referências

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BACELAR, Lucidalva; CUNHA, Maria Josenilde Costa (Org.). *Metodologia do ensino de português*. Fortaleza: Universidade do Vale do Acaraú, 2000.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judite; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais*. São Paulo: Pioneira, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, Valentin N. [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail [1979]. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAZERMAN, Charles. *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens códigos e suas tecnologias*. Brasília. Secretaria de Educação Básica, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001, p. 117-126.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1995.
- CABRAL, Maria L. A revisão no processo de avaliação da escrita no ensino superior: concepções e representações dos alunos. *Revista Portuguesa de Educação*. Universidade do Minho. Braga, Portugal. v. 17. n. 002, p. 275-303, 2004.
- CUNHA, Maria Francilene. *Produção e revisão textual no ensino superior*. 2010. 84f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Açu, 2010.
- DELLAGNELO, Adriana de Carvalho Kuerten. A influência do “feedback” do professor nas revisões de seus alunos. *Linguagem & Ensino*, v. 1, n. 2, p. 59-70, 1998.
- DOLZ, Joaquim; PASQUIER, Auguste. Un decálogo para enseñar a escribir. *Cultura y Educación*, 2, p. 31-41, 1996.



FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S.; KRAMER, S. (Org.) *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

MARQUESI, Sueli Cristina; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Enunciação e práticas discursivas na universidade: uma reflexão sobre dificuldades de escrita. In: MICHELETTI, Guaraciaba (Org.). *Enunciação e gêneros discursivos*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 149-172.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas, SP: Mercado das letras, 1996.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. *O processo de escritura do texto acadêmico: dos aspectos discursivos aos estruturais*. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Açu-RN. Projeto de pesquisa institucional, 2008.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. Prática de revisão de textos no âmbito acadêmico: a interação orientador-orientando. In: FIGUEIREDO-GOMES, João Bosco; ARAÚJO, Silvano Pereira de; OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de (Org.). *Práticas languageiras, literatura e ensino*. Mossoró: Edições UERN, 2011, p. 17-32.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. Gêneros acadêmicos: a construção de autonomia no processo de revisão e escritura. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DOS GÊNEROS TEXTUAIS, 6., 2011, Natal. *Anais...* Natal: EDUFRN, 2011a. p. 01-15.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.